

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA
MESTRADO PROFISSIONAL

**ANÁLISE DOS REGISTROS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA**

ALEXANDRO DOS ANJOS DA PENHA

VILA VELHA
AGOSTO / 2019

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA
MESTRADO PROFISSIONAL

**ANÁLISE DOS REGISTROS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA**

Dissertação apresentada à Universidade de Vila Velha, como pré-requisito do Programa de pós-graduação em Segurança Pública, para obtenção grau de Mestre em Segurança Pública.

ALEXANDRO DOS ANJOS DA PENHA

VILA VELHA
AGOSTO / 2019

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

P399a	Penha, Alexandro dos Anjos da. Análise dos registros de violência escolar do ensino fundamental de uma escola da rede pública / Alexandro dos Anjos da Penha . – 2019. 37 f. : il. Orientadora: Simone Chabudee Pylro. Coorientadora: Maria Riziane Costa Prates. Dissertação (mestrado em Segurança Pública) - Universidade Universidade Vila Velha, 2019. Inclui bibliografias. 1. Segurança pública. 2. Violência na escola. 3. Violência. I. Pylro, Simone Chabudee. II. Prates, Maria Riziane Costa. III. Universidade Vila Velha. IV. Título. CDD 363.3
-------	--

ALEXANDRO DOS ANJOS DA PENHA

**ANÁLISE DOS REGISTROS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA**

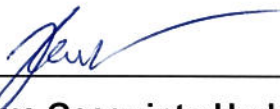
Dissertação apresentada à Universidade
Vila Velha, como pré-requisito do
Programa de Pós-graduação em
Segurança Pública, para a obtenção do
grau de Mestre em Segurança Pública.

Aprovada em 23 de agosto de 2019,

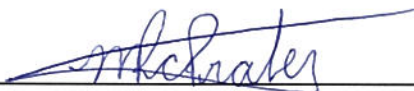
Banca Examinadora:



Prof.ª Dra. Larissy Alves Cotonhoto (IFES)



Prof.ª Dr. Henrique Geaquinto Herkenhoff (UVV)



Prof. Drª. Dr.ª Maria Riziane Costa Prates (UVV)



Prof. Drª. Simone Simone Chabudee Pylro (UVV)
Orientadora

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. METODOLOGIA.....	5
3. RESULTADOS	7
4. DISCUSSÃO: DO RESULTADO E DA ANÁLISE DOS DADOS	13
5. PROPOSTA DE ENFRENTAMENTO	16
5.1. Modelo de Registro, Identificação e Classificação da Violência no Ambiente Escolar	16
<i>Desenvolvimento dos conteúdos do aplicativo</i>	<i>16</i>
<i>Metodologia de construção e desenvolvimento do aplicativo: Sistema de mapeamento e monitoramento da violência no ambiente escolar</i>	<i>18</i>
<i>Estudo e estruturação do aplicativo</i>	<i>19</i>
<i>Plataforma de criação</i>	<i>19</i>
<i>Formatação e Layout</i>	<i>19</i>
5.2. Proposta de treinamento pedagógico: Violência no ambiente escolar ...	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
7. REFERÊNCIAS	28
8. APÊNDICES	36

RESUMO

PENHA, Alexandro dos Anjos da, M.Sc., Universidade Vila Velha – ES, agosto de 2019. **Análise dos registros de violência escolar do ensino fundamental de uma escola da rede pública.** Orientadora: Prof^a. Dra. Simone Chabudee Pylo. Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Riziane Costa Prates.

A violência está presente no ambiente escolar e, por vezes, confunde-se com a indisciplina frente às regras institucionais. Também pode estar associada a fatores externos tais como: proximidade com o tráfico, problemas familiares, violência estrutural, cultural, criminal, institucional, interpessoal, de gênero, física, psicológica. Este trabalho analisou os registros de violência escolar dos alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I de uma escola da rede pública do município de Mucuri – BA, de modo a compreender se a escola possui alguma proposta de enfrentamento frente à violência escolar. Foi realizada uma pesquisa documental, por meio de um levantamento do total de alunos no Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano dos turnos matutino e vespertino dos anos de 2014 a 2018, que se envolveram em situações de violência escolar, registrados nos livros de ocorrências, nos relatórios arquivados na orientação escolar, bem como seus encaminhamentos. Realizou-se uma tabulação, a partir de uma classificação das ocorrências registradas, inspirada em Minayo (2013). As ocorrências foram analisadas de modo quantitativo (frequência simples) e qualitativo, a partir de uma categorização, com base na autora supracitada. Constatou-se que a escola possui uma forma genérica e não específica de enfrentamento à violência escolar, pautada na ocorrência, advertência e suspensão, excluindo o aluno do ambiente escolar. Os registros de violência mais recorrentes foram os de violências interpessoal e física. Tais práticas pareceram contribuir para com a repetência e evasão, sendo os 3º e 4º anos os mais afetados pela violência nessa instituição de ensino. Dentre os alunos mencionados nos referidos registros, um número pequeno de 14 alunos se envolveu com o crime, em especial, o furto e o tráfico de drogas. Acreditamos no êxito do combate à violência no ambiente escolar se forem desenvolvidas estratégias que permitam identificar e melhor encaminhar as ocorrências, distribuindo-se as responsabilidades, mantendo-se o aluno no ambiente educacional, e treinando-se o profissional de educação para lidar com tal fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: violência, violência escolar, livro de ocorrência, enfrentamento.

ABSTRACT

PENHA, Alexandro dos Anjos da, M.Sc., University Vila Velha - ES, August 2019.
Analysis of school violence records of elementary school in a public school.
Advisor: Dr. Simone Chabudee Pyro. Coordinator: Prof. Dr. Maria Riziane Costa Prates.

Violence is present in the school environment and is sometimes confused with indiscipline in the face of institutional rules. It may also be associated with external factors such as: proximity to trafficking, family problems, structural, cultural, criminal, institutional, interpersonal, gender, physical, psychological violence. This study analyzed the school violence records of students from 1st to 5th grade of Elementary School I of a public school in the city of Mucuri - BA, in order to understand if the school has any proposal of coping with school violence. A documentary research was carried out by surveying the total of students in elementary school I from the 1st to the 5th grade of the morning and afternoon shifts from 2014 to 2018, who were involved in situations of school violence, recorded in the occurrence books, in the reports filed in the school guidance, as well as their referrals. A tabulation was performed based on a classification of recorded occurrences, inspired by Minayo (2013). The occurrences were analyzed quantitatively (simple frequency) and qualitatively, based on a categorization, based on the author mentioned above. It was found that the school has a generic and non-specific form of coping with school violence, based on the occurrence, warning and suspension, excluding the student from the school environment. The most recurring records of violence were interpersonal and physical violence. Such practices seemed to contribute to repetition and dropout, with the 3rd and 4th years being the most affected by violence in this educational institution. Among the students mentioned in these records, a small number of 14 students were involved in crime, especially theft and drug trafficking. We believe in successfully combating violence in the school environment if strategies are developed to identify and better address occurrences, distributing responsibilities, keeping students in the educational environment, and training the education professional to deal with such phenomena.

KEYWORDS: violence, school violence, occurrence book, copingintrodução.

1. INTRODUÇÃO

A violência acompanha a humanidade ao longo da história, e provoca sérias consequências para a vida de um indivíduo, ameaçando por vezes o direito à vida. A violência pode ser compreendida como um processo que envolve um indivíduo ou um grupo de pessoas. Existem diferentes classificações acerca da violência, dentre elas, a que discrimina diferentes tipos e naturezas. Ainda que se manifeste em diversos contextos, parece ser mais comumente praticada em áreas urbanas de vulnerabilidade social (MINAYO, 2013).

Práticas violentas atingem pessoas em diferentes etapas do desenvolvimento. No que se refere à parcela mais jovem da sociedade, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (2015), 1,2 milhão de adolescentes morrem por ano em todo o mundo; três mil por dia, vitimados por violência interpessoal, acidentes de trânsito, afogamento e infecções respiratórias. Esses dados indicam que a violência interpessoal e os acidentes de trânsito são casos de saúde pública, gerando um custo elevado no Produto Interno Bruto (PIB) dos países (CERQUEIRA, 2016).

Conforme a OMS (BRASIL, 2015), o Brasil é um dos países mais violentos do mundo, com índices de 80% dos óbitos, causados por traumas e lesões. Tais incidentes ocorrem nas cidades, sobretudo nas áreas urbanas, vinculados às agressões interpessoais e oriundos de armas de fogo. Os adolescentes e jovens de 15 a 29 anos figuram como as principais vítimas de morte por causas externa, o que levou o país a criar uma política nacional de redução da morbimortalidade por causas externas, com objetivo de elaborar orientações, monitoramento e acompanhamento, visando gerar medidas preventivas para tal fenômeno (BRASIL, 2011). Em 2015, as vítimas de mortes por causas externas em sua maioria são crianças e adolescentes de 10 a 19 anos, devido a armas de fogo e a violências interpessoais (BRASIL, 2015).

O Estado do Bahia, segundo o Atlas da Violência (2017), possui o maior índice nacional em números de homicídios, sendo que dos 30 maiores municípios do Brasil com violência em termos de agressão física letal, nove se concentram na Bahia, (2º lugar Lauro de Freitas; 5º lugar Simões Filho; 7º lugar Teixeira de Freitas; 9º Porto Seguro; 14º lugar Barreiras; 15º lugar Camaçari; 18º lugar Alagoinhas; 19 Eunápolis); o 7º lugar é vizinho comercial e intelectual (faculdades e cursos técnicos) do município estudado em nossa pesquisa. As principais vítimas são os adolescentes e jovens, do sexo masculino, negros, vítimas de violência interpessoal, físicas, mortos com armas

de fogo. E, se forem analisadas as taxas de mortes violentas com causa indeterminada, quatro estados aparecem em pior situação: Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo - sendo que a Bahia ocupa o 1º lugar em nível nacional nessa estatística.

A ausência do Estado proporciona uma violência coletiva, política, econômica e social, privando e abandonando a população, em especial crianças, jovens e adolescentes, que serão protagonistas desta violência exacerbada em áreas de vulnerabilidade social em grande parte do território brasileiro (PENHA, 2018; MINAYO 2013; CERQUEIRA 2018).

Esses protagonistas irão se encontrar e passar (ou deveriam passar) a maior parte de suas vidas (depois da família), no período da infância e da juventude, no processo de escolarização, fundamental para organização da sociedade, uma vez que o sujeito aprende a desenvolver sua intelectualidade, a conhecer seus direitos e deveres, bem como regras, valores e limites necessários a se comportar frente às leis sociais (VEIGA-NETO, 2005).

No Brasil, o processo de escolarização pode se dar em instituições públicas e privadas. Neste ambiente encontram-se professores, equipe pedagógica (coordenadores e orientadores), alunos, funcionários, pais de alunos e comunidade, cada um com um objetivo.

Dentre os profissionais que atuam na escola, destaca-se a figura do(a) professor(a). Esse profissional, por vezes, cumpre uma jornada de trabalho exaustiva, sem estrutura física adequada, internet e computadores; além de classes lotadas, recursos didáticos precários para o exercício docente, sem mencionar a desvalorização financeira e social. O trabalho do professor é apoiado pela equipe pedagógica que desenvolve atividades, tais como: gerir o ambiente e horários de professores, coordenar de aulas para melhorar o ensino aprendizado, controlar atividades e avaliações, realizar registros disciplinares, promover reunião de pais.

Além dos profissionais que atuam na escola, transitam nela os alunos e seus pais. Estes preferem uma escola mais perto de sua casa, em um ambiente seguro onde seus filhos possam ler, escrever, somar, descobrir a natureza, desenvolver valores e, principalmente, que o prepare para o mercado de trabalho. Os alunos, por suas vezes, chegam à escola com conhecimentos oriundos de outras formas e locais de aprendizado, que precisam ser sistematizados e organizados de modo que o conhecimento científico seja desenvolvido e associado aos seus

aprendizados, gerando valores, cidadania, e atuação no mercado de trabalho. Esse conjunto de interesses e de pessoas que se encontram em um local específico para o aprendizado denomina-se ambiente escolar (PENHA, 2018).

Nesse ambiente, de acordo com Nóvoa (2007), está ocorrendo um transbordamento de atribuições e tarefas impostas pelo Estado e pela sociedade, existindo um excesso de prioridades. Em função disso, as escolas se encontram distraídas, dispersivas, incapazes de definir um foco com estratégias claras. A sociedade projetou, na escola, tarefas e atribuições que estão para além de seu papel.

De acordo com Estrela (1992), em várias situações, o aluno indisciplinado ou violento é fruto da sociedade e de sua família ou de algum problema pessoal. Dentre estes reflexos, encontra-se o consumismo, o individualismo, o sentimento de insegurança, a busca pela satisfação imediata, onde a vida em sociedade perde consistência, resultado do enfraquecimento dos laços humanos, das parcerias, denominada por Bauman (2001) de liquidez, numa sociedade que busca satisfação imediata que valoriza o corpo, aprecia o consumismo a competição, juntamente com os problemas familiares, ausência de valores de diálogo e respeito.

Segundo Penha (2018), toda violência é uma indisciplina, mas nem toda indisciplina pode ser considerada violência. Ambas nascem de uma mesma fonte: o desrespeito às regras pedagógicas e de convivência. Ainda que as questões relativas à indisciplina e à violência sejam recorrentes, nem sempre se verifica ações interventivas que promovam mudanças no cotidiano do educando envolvido em ocorrências. Compreender como esses encaminhamentos se dão parece ser importante, tendo em vista seus efeitos deletérios. As práticas tradicionais de registro são, em geral, meramente punitivas, somente com assinaturas dos envolvidos em ambiente escolar, como uma forma de minimizar ou superar a violência escolar, sem sequer questionar ou propor novos modos de operar a partir de ações educativas mais eficazes quanto a essa problemática.

Assim, pensar sobre a violência escolar envolve múltiplas dimensões. Neste trabalho, foram analisados os registros de violência escolar referentes aos alunos do 1º ao 5º ano de uma escola da rede pública do Ensino Fundamental I, no período de 2014 a 2018, localizada no extremo sul baiano, de modo a compreender se a escola possui alguma proposta de enfrentamento frente à violência escolar.

De acordo com Cerqueira (2018), os municípios são os que menos investem em segurança pública, o que torna relevante nossa pesquisa, uma vez que

a escola estudada é de responsabilidade municipal. Entender como a violência ocorre no ambiente escolar pode ser útil no processo de enfrentamento municipal à violência interpessoal, física e letal.

2. METODOLOGIA

Quanto à metodologia, a presente pesquisa foi de caráter documental, tendo em vista que foi elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico, recorrendo aos registros escolares de situações envolvendo violência escolar (FONSECA, 2002).

A investigação foi realizada em uma escola de Ensino Fundamental I da rede pública municipal, localizada no extremo sul da Bahia. Conforme solicitação da direção da escola participante, para a autorização da pesquisa, foi enviada à mesma um documento de solicitação de autorização para o início da pesquisa (APÊNDICE A).

Os documentos alvos da coleta foram os registros de violência escolar de alunos do primeiro (1º) ao quinto (5º) ano do Ensino Fundamental I, matriculados no turno matutino e vespertino. Foram incluídos todos os registros de violência de alunos do turno matutino e vespertino, escritos no livro de ocorrências, bem como relatórios produzidos pela orientação escolar. Foram também analisados, como fonte secundária, os principais sites de 2014 a 2018 que divulgam os boletins de ocorrência policial do município e da região, a fim de se encontrarem possíveis alunos que abandonaram a escola e que, de alguma maneira, envolveram-se no mundo do crime, bem como os encaminhamentos ao conselho tutelar e ao CREAS pela referida instituição de ensino.

Foram excluídos da pesquisa os registros que não tratavam de questões relativas à violência escolar, uma vez que o nosso foco era a violência e não a indisciplina existente nesta instituição de ensino.

Para o início da coleta, foi realizado um levantamento do total de alunos matriculados no ensino do fundamental (1º ao 5º ano) do turno matutino e vespertino dos anos de 2014-2018, bem como o quantitativo de alunos que se envolveram em atos de violência escolar, registrados nos livros de ocorrências e nos relatórios arquivados na orientação escolar, e os encaminhamentos realizados pela orientação para as ocorrências envolvendo violência escolar. Foram analisados 11 cadernos de ocorrências que os professores utilizam em sala, bem como 5 livros de ocorrência utilizados pela orientação que abarca ocorrência de sala, extra-sala e recreio escolar.

Também se realizou um levantamento sobre o número de alunos matriculados, repetentes e que desistiram (evasão), no período de 2014-2018,

segundo os arquivos da secretaria. Tanto as ocorrências de violência escolar quanto o número de alunos, de repetentes e desistentes (evasão) foram analisados por ano separadamente, bem como o valor total de todos os anos pesquisados.

Com base na coleta, realizou-se uma tabulação, a partir de uma classificação das ocorrências registradas, por tipo e natureza da violência, inspirada em Minayo (2013) (APÊNDICE B). Foram tabuladas todas as ocorrências registradas no período de 2014-2018. As ocorrências de violência foram analisadas de modo quantitativo (análise de frequência simples), e de modo qualitativo, a partir de uma categorização, com base na autora supracitada.

3. RESULTADOS

Uma das dificuldades encontradas na coleta dos dados foi que, nos anos de 2014 a 2017, a escola funcionava com duas orientadoras: uma atuava no turno matutino e outra no turno vespertino. A que atuava no turno vespertino não realizava registro de ocorrências nem de indisciplina, muito menos de violência escolar. Também houve dificuldade na identificação da violência, pois muitas vezes eram escritas de forma genérica e não específica. Outro fator importante é que todas as ocorrências eram relatadas como indisciplina pelas orientadoras educacionais em seus respectivos registros. A partir de 2018, com a nova gestão pedagógica encaminhada pela secretaria de educação, a escola começou a ter um novo modo de operar o livro de ocorrências.

No entanto, essas dificuldades não atrapalharam a pesquisa, pois a meta era realizar uma análise desses registros e verificar se existia alguma proposta de enfrentamento aos problemas ligados à violência escolar. Porém, tal situação não permitiu identificar se o baixo número de ocorrência de violência escolar entre 2014 a 2017 ocorreu por falta de registro ou por baixa incidência de violência escolar.

Conforme descrição a seguir, a escola investigada contava, no período alvo da presente pesquisa, com aproximadamente 3035 alunos sendo computadas quase 500 ocorrências, atribuídas majoritariamente a estudantes do sexo masculino, matriculados nos 3º e 4º anos, conforme tabelas 1, 2 e 3 a seguir.

Tabela 1. Total de alunos matriculados, sexo e ocorrências 2014 a 2018.

Ano	Matrícula	Matrícula Menino	Matrícula Menina	Ocorrência
2014	540	279	261	40
2015	595	313	282	12
2016	588	312	276	31
2017	634	321	313	64
2018	678	379	299	326
Total	3035	1604	1431	473

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de instituição pesquisada.

Tabela 2. Ocorrência com violência escolar por sexo 2014 a 2018

Ano	Ocorrência	Menino	Menina
2014	40	36	04
2015	12	07	05
2016	31	23	08
2017	64	57	07
2018	326	303	23
Total	473	426	47

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de instituição pesquisada.

Tabela 3. Ocorrências com violência escolar por ano/série de 2014 a 2018

Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
2014	07	09	08	12	04
2015	02	01	04	05	00
2016	01	05	10	10	05
2017	01	11	27	12	15
2018	00	37	112	162	15
Total	11	63	161	201	39

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de instituição pesquisada.

Nas tabelas 1, 2 e 3, que abordam os anos de 2014, 2015 e 2016, o número de violência escolar não foi tão significativo, o que tornou imprecisa a análise quanto ao número de ocorrência envolvendo violência escolar. A ausência de registro do turno vespertino da equipe pedagógica da escola pode ter contribuído para o número pequeno de registro. Independente da imprecisão, no entanto, as tabelas mostram que a violência escolar existiu, concentrando-se nos 4º anos, tendo o sexo masculino o mais envolvido nos registros. De acordo com Charlot (2002), a violência escolar ocorre cada vez mais cedo, entre 8 a 13 anos, atingindo de forma acintosa a infância. Se a instituição comete negligência em registrar, não conseguirá realizar uma análise, muito menos estabelecer uma proposta de enfrentamento frente à violência no ambiente escolar.

Em 2018, os registros de ocorrência aconteceram nos turnos matutino e vespertino. 326 alunos se envolveram em ocorrências com violência escolar, sendo que os alunos dos 3º anos se envolveram em 112 ocorrências e os dos 4º anos, em 162. 303 meninos, assustadoramente, envolveram-se em ocorrências com violência escolar. Notamos um aumento significativo no número de violência escolar, porém as características de 2014 a 2018 continuam as mesmas: meninos dos 3º e 4º anos se envolvendo em algum tipo de ocorrências com violência escolar.

Tabela 4. Análise das ocorrências 2014 a 2018, seguindo o modelo “Violência: Tipos e Natureza”, de Minayo (2013).

Tipos de violência		(continua)
Criminal		00
Estrutural		00
Institucional		00
Familiar		00
Auto-inflingida		00

(conclusão)

Tipos de violência	
Cultural	00
Gênero	00
Deficiente	00
Interpessoal	470
Racial	03
Total	473
Natureza da violência	
Física	426
Psicológica	23
Sexual	24
Negligente	00
Violência física	
Briga	107
Bater	41
Chute	24
Arremessar objetos	07
Apertar o pescoço/ enforcar	10
Soco	08
Morder	03
Empurrar	03
Agressão física não definida	223
Violência psicológica	
Bullying	12
Chamou de macho e fêmea	01
Apelido	04
Discriminação quanto a cor	03
Agressão verbal	07
Violência sexual	
Gestos obscenos	12
Palavras obscenas	7
Toque nas partes íntimas	3
Desenhar órgão genital	1
Puxar o short do colega	1

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de instituição pesquisada.

De acordo com Minayo (2013), definir violência se torna um tanto complexo por ser um fenômeno multicausal. Entretanto, a autora propõe uma classificação sobre os tipos (criminal, estrutural, institucional, gênero, deficiente familiar, auto-afligida, cultural, interpessoal, racial) e natureza (física, psicológica, sexual, negligente) da violência. Com essa tipologia desenvolveu-se uma tabela com o intuito de entender as violências que ocorrem nos ambientes escolares a fim de traçar possíveis propostas de enfrentamento.

De acordo com a tabela 4, sobre os tipos e natureza das violências (MINAYO, 2013), durante o período de 2014 a 2018, ocorreram 473 ocorrências com violência escolar, 426 foram praticadas por meninos e 47 por meninas, 470 foram do tipo interpessoais, 426 foram de natureza física, 23 agressões de natureza psicológica e 24 agressões de natureza sexual.

Com essa tipologia realizou-se um raio-X nas ocorrências e identificou-se que entre 2014 e 2018 os meninos se envolveram em conflitos interpessoais com o uso de agressões físicas. Dessas agressões, 223 não foram definidas nas ocorrências; em contrapartida, 107 delas foram por brigas, 41 foram por bater, 24 por chutes e 10 por apertar o pescoço. Os conflitos interpessoais protagonizados por agressões físicas foram os mais indicados nos registros nos anos de 2014 a 2018. Um fato que chamou a atenção é que, de acordo com as ocorrências, a violência psicológica, em especial o bullying, não aparece de forma expressiva nos registros.

A violência sexual também não obteve um quantitativo significativo no período pesquisado: foram computadas três ocorrências sobre toques nas partes íntimas, sem atos sexuais consumados. Em termos de violência racial e de gênero, o quantitativo foi significativo.

Tais dados não indicam, necessariamente, que estas violências não tenham ocorrido. Podem estar associados a ausência de registros, bem como uma subjetividade, sem uma forma sistemática de anotação, identificação e classificação. Também é possível que esta baixa frequência esteja relacionada à naturalização de certas violências.

As violências criminal, estrutural, institucional, de gênero, contra o deficiente, auto- infligida e cultural não apareceram em nenhuma das análises das ocorrências de violência escolar da referida escola.

Tabela 5. Número de reprovações nos anos de 2014 a 2018

Ano	Quantitativo de evasão
1º ano	00
2º ano	00
3º ano	172
4º ano	130
5º ano	51
Total	353

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de instituição pesquisada.

A análise do número de reprovações evidenciou que 353 alunos, no período de 2014 a 2018, ficaram reprovados, sendo que 302 foram reprovados nos 3º e 4º anos. Os 1º e 2º anos tiveram zero de reprovação, pois fazem parte do ciclo de alfabetização e são aprovados automaticamente desde que não ultrapassem o limite de faltas anuais, que são de 75% de presença dos atuais 200 dias letivos.

Tabela 06. Número de evasão escolar nos anos de 2014 a 2018

Ano	Quantitativo de evasão
1ºano	08
2ºano	02
3ºano	11
4ºano	14
5ºano	09
Total	44

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de instituição pesquisada.

No período de 2014 a 2018, 44 alunos evadiram, sendo que a maior concentração de evasão (25 alunos) dizia respeito aos alunos que cursaram os 3º e 4º anos, envolvidos nas ocorrências de violências interpessoal e física, bem como os envolvidos nas reprovações, durante os anos pesquisados.

Tabela 7. Alunos recorrentes em violência escolar 2014 a 2018

Período	Quantitativo
Recorrentes 2014 a 2018	05
Recorrentes 2017 a 2018	32
Total	37

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de instituição pesquisada.

De 2014 a 2018, 5 alunos aparecem, de modo mais recorrente, envolvidos em violência escolar, sendo que 32 recorrências se concentraram nos dois últimos anos de 2017 a 2018. De acordo com os registros, esses alunos possuem um histórico de repetência e desistência/evasão. Dos 37 recorrentes, de acordo com os relatórios da orientação, conselho tutelar e sites que divulgam ocorrências policiais da região, 14 se envolveram com o crime, em especial com roubos e tráfico de drogas, 5 foram presos, 1 cumpriu medida socioeducativa por homicídio e 1 foi vítima de homicídio. Dos 14 envolvidos com o crime, todos eram repetentes e 5 desistiram/evadiram da escola e se envolveram em prisões, homicídio e vítimas de homicídio. A repetência e a evasão parecem ser fatores potencializadores de envolvimento no crime. Cerqueira (2015, p. 8) aponta que “jovens não especializados (com baixa escolaridade) respondem ao custo de oportunidade do crime”.

Outro aspecto que chamou a atenção foi o encaminhamento dado às ocorrências, conforme demonstrado na tabela a seguir.

Tabela 8. Encaminhamentos da orientação sobre as ocorrências com violência escolar 2014 a 2018

Encaminhamentos	Quantitativo
Ocorrência sem encaminhamento	76
Advertência	195
Suspensão	99
Comunicar aos responsáveis	103
Total	473

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de instituição pesquisada.

Dentre os encaminhamentos direcionados pela orientação para os alunos envolvidos em violência escolar, foram identificados, além da ocorrência, as advertências, suspensões e comunicação aos pais ou responsáveis. As únicas propostas de intervenção encontrada além dos registros foram: ficar na orientação para se acalmar e realizar as atividades e depois retornar para a sala, ficar sem recreio, ficar em casa de 1 a 3 dias, transferir-se (troca com alunos de outras instituições), transferir-se de modo compulsório, trocar de sala ou de turno, sofrer encaminhamento ao conselho tutelar, sugerir aos pais mais severidade em casa, colocar de castigo, não permitir uso de aparelhos eletrônicos. Essas foram as propostas detectadas nos registros.

4. DISCUSSÃO: DO RESULTADO E DA ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos registros de violência escolar referentes aos anos de 2014 a 2018 permitiu verificar que a forma de realização dos registros dificulta a identificação e que não existe um parâmetro, uma normatização ou até mesmo padronização no registro, sem mencionar que todos os registros foram considerados como indisciplina.

De acordo com Fonseca (2014), a forma com que as informações são registradas indica elementos subjetivos de entendimento, para tanto se faz necessário a identificação, classificação, normatização e padronização dos registros, uma vez que a subjetividade está carregada de valores pessoais e não científicos, o que pode ocasionar uma interpretação equivocada dos registros e consequentemente uma proposta de enfrentamento que não seja eficaz frente à violência no ambiente escolar.

Existe uma naturalização do problema, fato que indica a necessidade de uma formação continuada para o profissional em educação, no intuito de sistematizar os registros se não existir nenhuma forma sistemática de registro, quiçá uma sugestão de proposta de enfrentamento frente à violência no ambiente escolar. Além disso, a forma puramente descritiva e informativa do registro e a ausência dos mesmos em um turno no período de 2014 a 2017 demonstra o mau uso desse instrumento.

Para Zechi (2014), a formação docente tem sido apontada como uma das respostas concretas para a redução da violência e da indisciplina escolar nos ambientes escolares. Para a autora, existe uma deficiência considerável na formação inicial do professor, principalmente para lidar com as demandas existentes a violência e a indisciplina escolar.

Neste sentido, Garcia (2013) aponta que várias mudanças já ocorreram ao longo dos anos em relação à formação do docente. Entretanto, para lidar com as mudanças e atuação no cotidiano existe uma lacuna e uma fragilidade ao lidar com o tema indisciplina e violência escolar.

De acordo Royer (2003), a formação inicial e continuada deve abrir espaço à participação nos problemas reais existentes no cotidiano dos ambientes escolares e na comunidade. Dentre as sugestões salientadas pelo autor, pode-se citar: ter proatividade em relação às atitudes agressivas na escola; individualizar as intervenções; integrar as práticas pedagógicas às pesquisas recentes sobre violência escolar; aprender a desenvolver parcerias com os pais e a comunidade; reconhecer o trabalho em equipe como importante e essencial para combater, sugerir, e trocar

experiências e ajuda mútua entre os profissionais em educação, uma vez que estes vivem e sofrem com os mesmos problemas de ordem indisciplinar e violência no ambiente escolar. Sem contar que o professor, mesmo com todas as dificuldades, é e sempre será um eterno pesquisador e deveria debruçar em estudar essa temática.

Neste caso, poder-se-ia acrescentar a forma sistemática de se registrar, identificar e analisar as ocorrências, de modo a gerar estatísticas e resultados que subsidiem propostas de enfrentamento frente à violência escolar.

Faz-se necessário, também, uma problematização sobre a predominância de alunos do sexo masculino envolvidos em violência escolar. Neste estudo, a agressão física e interpessoal foram as mais citadas no período de 2014 a 2018. Essa realidade existente no ambiente escolar em que a agressão física, interpessoal, praticada por discentes do sexo masculino, precisa ser alvo de ações preventivas. A prevenção se torna imprescindível nos ambientes escolares, para que estes alunos aprendam a utilizar meios pacíficos na resolução de conflitos.

De acordo com Fonseca (2014), os professores em seus registros não indicam nenhuma proposta pedagógica ou educativa para os discentes envolvidos nas ocorrências de indisciplina e violência escolar. O autor menciona ainda que o livro de ocorrência é utilizado como um “dossiê” em sua defesa, para justificar transferências compulsórias, expulsões, encaminhamento ao Conselho Tutelar, a Delegacias e ao Ministério Público. De certa forma, utilizam-se os registros como autoproteção e autoafirmação diante da crise de indisciplina e violência estabelecida nos ambientes escolares. Os registros servem como justificativa para retirar o aluno do ambiente escolar, proteger judicialmente o professor, impor sua autoridade simbólica.

Martins (2016) menciona que, por vezes, os livros de ocorrência criam práticas injustas no ambiente escolar, em um espaço conflituoso, não existindo nenhuma interferência efetiva a partir dos seus registros. Nascente, Luiz e Fonseca (2015) confirmam a hipótese de que o livro de ocorrência é utilizado como mecanismo de controle e proteção a escola, discriminando e deixando os alunos de certa forma desprotegidos, colocando em risco a sua integridade física e moral (VÓVIO, 2016) dentro e fora dos ambientes escolares.

A falta de oportunidade por não estar estudando, nem trabalhando, aliada à morte precoce da juventude em consequência da violência, impõe severas consequências sobre o futuro da nação. Neste sentido, as políticas públicas visando à prevenção social do crime devem estar focadas na infância e na juventude e nos

territórios mais vulneráveis (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2017; CERQUEIRA 2018), incluindo as escolas.

Verificou-se que o maior índice de reprovação e evasão ocorreu nas salas onde mais existiam registros de violência escolar. Os encaminhamentos direcionados para enfrentar a violência escolar foram: ocorrências, advertências, suspensões e transferências. Em todos esses enfrentamentos o aluno fica ausente de sua respectiva sala de aula e do processo ensino aprendizagem e, em muitos casos, do próprio ambiente escolar, potencializando a repetência e a evasão e deixando-o vulnerável e suscetível a ser aliciado para práticas criminosas.

Não cabe aqui determinar que todos os discentes repetentes e evadidos que se ausentam ou abandonam o ambiente escolar, em área de vulnerabilidade social, irão se tornar criminosos. Porém, o afastamento da escola parece deixá-lo mais suscetível à criminalidade e muitos são absorvidos pelo crime (TEIXEIRA, 2011; ROLIN, 2014; CERQUEIRA, 2016; TRASSI, 2006).

A esse modelo de enfrentamento que exclui o discente do ambiente escolar, colocando-o em condição de maior vulnerabilidade, poder-se-ia chamar de “pedagogia do crime”. Ou seja, a escola, que deveria funcionar como fator de proteção, expõe o aluno ao risco.

Do ponto de vista quantitativo, os dados demonstrados nesse estudo podem parecer, de imediato, insignificantes; mas quando se pensa a possibilidade de esse retrato ser parecido com os 43 escolas existentes no município pesquisado, ou no Brasil, os números poderão ser mais expressivos. De acordo com Cerqueira (2018), os municípios são os que menos investem em segurança pública.

5. PROPOSTA DE ENFRENTAMENTO

Diante das dificuldades encontradas neste trabalho, propõe-se um programa de Monitoramento, Identificação e Classificação da Violência no Ambiente Escolar. Através deste monitoramento esperamos mapear a violência no ambiente escolar através de um aplicativo compreendendo a realidade de cada escola.

A função principal do aplicativo não seria, simplesmente, fazer uma ocorrência, mas dar maior visibilidade às situações envolvendo violência escolar de modo a mitigar tais práticas a partir de ações que promovam a permanência do aluno no ambiente escolar, direito garantido por lei e negligenciado pelas instituições de ensino (ECA, art.53. 8069/90).

5.1. Modelo de Registro, Identificação e Classificação da Violência no Ambiente Escolar

Para a classificação dos registros de ocorrência de violência no ambiente escolar, tomou-se como base a classificação de Minayo (2013), já descrita em capítulo anterior, de modo a criar um padrão, visando diminuir a subjetividade dos registros, a saber:

Tipos	Naturezas
• Violência criminal • Violência estrutural • Violência institucional • Violência interpessoal • Violência intrafamiliar • Violência auto-infligida • Violência de gênero (cultural) • Violência racial (cultural) • Violência contra a pessoa deficiente (cultural)	* Física * Psicológica * Negligente * Sexual

Desenvolvimento dos conteúdos do aplicativo

Por meio deste aplicativo de registro de ocorrências de violência, pretende-se fomentar intervenções pedagógicas em parceria com familiares dos discentes e com a rede de atenção básica, no sentido de propor estratégias de atuação, tendo em

vista se tratar de um fenômeno multifacetado. Dentre os possíveis desdobramentos decorrentes de um melhor registro, destacam-se: a geração de dados que contribuam para com políticas públicas voltadas para essa temática; maior assertividade em reuniões com os pais/responsáveis dos alunos envolvidos em violência escolar, em reunião com a gestão pedagógica para planejamento, *feedback* e novas ações a serem desenvolvidas; planejamento estratégico de parcerias com profissionais da rede (assistente social, psicólogo, psicopedagogo, enfermeiro, médico, dentista, conselheiro tutelar), no sentido de desenvolvimento de ações conjuntas a partir do contato com secretarias municipais e estaduais.

Sistema de Monitoramento, Identificação e Classificação da Violência no Ambiente Escolar.

App

Violência no Ambiente Escolar

Tipo

Familiar	Auto-aflingida	Criminal
☐ Abuso sexual ☐ Maus tratos ☐ Exploração Doméstica ☐ Abandono de incapaz ☐ Prostituição ☐ Exploração infantil ☐ Coação ☐ Incentivar o tráfico ☐ Incentivar o furto	☐ Suicídios ☐ Tentativa de suicídios ☐ Automutilações	☐ Tráfico ☐ Furto ☐ Roubo ☐ Homicídio ☐ Agressão aos funcionários da instituição ☐ Vandalismo ☐ Portar arma branca e de fogo
Gênero	Racial	Contra Deficientes
☐ Crença ☐ Valores ☐ Hábitos ☐ Costumes	☐ Discriminação ☐ Cor ☐ Cabelos ☐ Raça	☐ Discriminação
Interpessoal	Institucional	Estrutural
☐ Agressões físicas ☐ Agressões verbais ☐ Agressões psicológicas ☐ Agressões sexuais	☐ Serviço de saúde ☐ Seguridade social ☐ Segurança pública	☐ Criminalização pobres ☐ Mortalidade infantil ☐ Direitos Humanos ☐ Desigualdade social

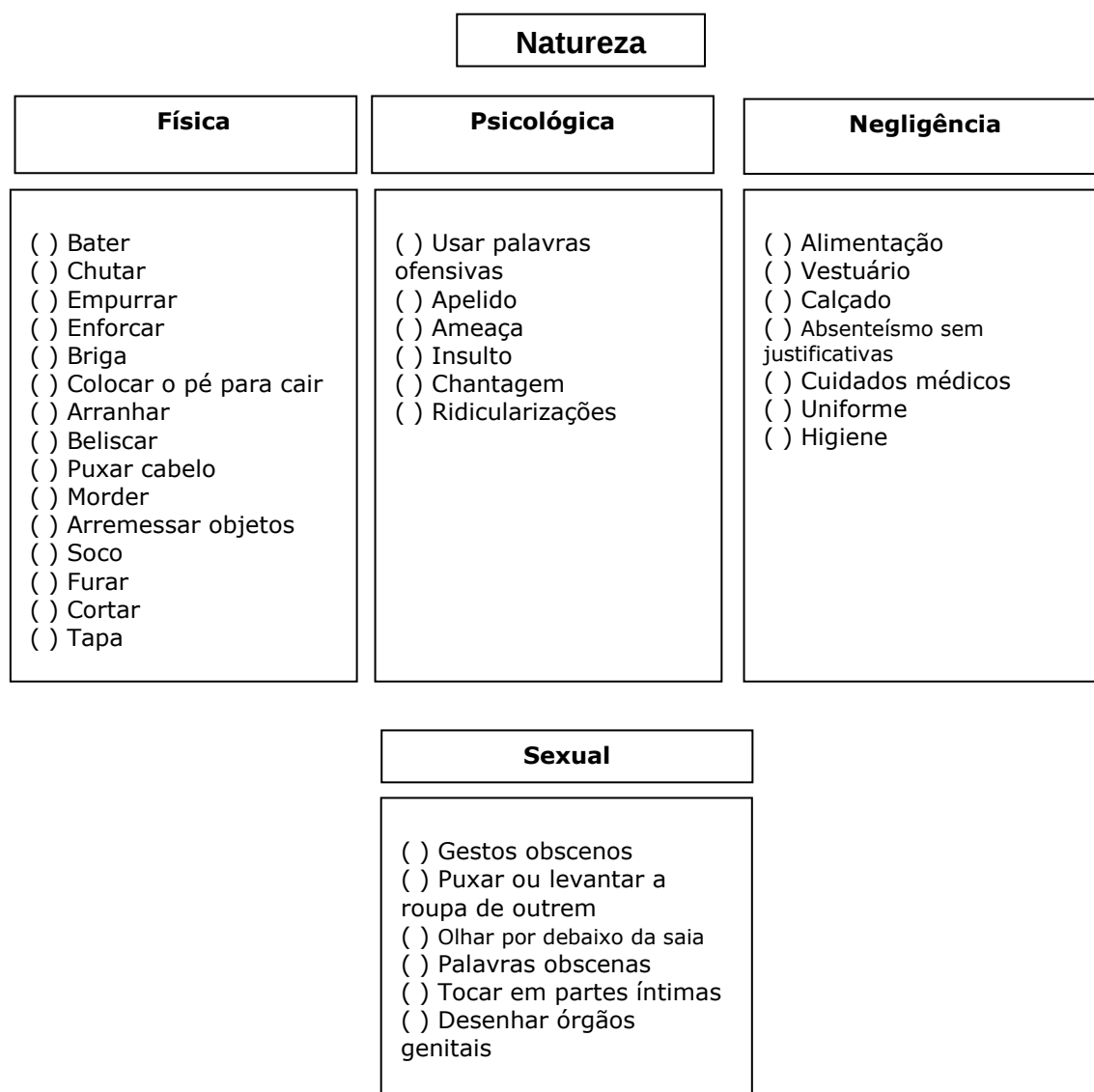


Figura 1. Diagrama dos tipos, natureza e suas respectivas violências a serem identificadas e classificadas no ambiente escolar.

Utilizamos a partir da classificação de Minayo (2013) os tipos e naturezas de violências que mais ocorrem no ambiente escolar, constatados em nossa pesquisa.

Metodologia de construção e desenvolvimento do aplicativo: Sistema de mapeamento e monitoramento da violência no ambiente escolar

Como proposta para a criação do aplicativo, sugere-se buscar parcerias com escolas técnicas, faculdades e universidades públicas ou privadas que tenham cursos de tecnologia que possam ajudar a desenvolver o sistema. Quanto à disponibilização, distribuição e divulgação do aplicativo, sugere-se que este seja totalmente gratuito, podendo estar integrado a diferentes instituições vinculadas à educação formal da rede básica de ensino, pública ou privada.

Estudo e estruturação do aplicativo

O protótipo seria construído de forma estruturada, respeitando as seguintes etapas (ALVES SOUZA, 2013; OLIVEIRA, *et al* 2016; SILVA; SANTANA, 2016).

- (1) desenvolvimento do conteúdo
- (2) escolha do software de criação
- (3) formatação, layout e indexação em lojas de aplicativos e
- (4) avaliação da aplicabilidade.

Plataforma de criação

A plataforma de sistema operacional seria voltada para smartphones (IOS e Android), facilitando a instalação, sem necessidade de se adquirir um celular específico para esse sistema. O aplicativo trabalharia *off-line*, de modo que a *internet* só seria utilizada para baixar o programa ou quando houvesse alguma atualização e inserção de conteúdo. Tais inserções não seriam realizadas pelos usuários, mas por algum membro da secretaria de educação. Seriam construídos a partir de *software* de desenvolvimento móvel, respectivamente SoftwarePhoneGap, um *framework* ou o que mais ficar viável para o desenvolvimento do aplicativo (ALVES SOUZA, 2013; OLIVEIRA, *et al* 2016; SILVA; SANTANA, 2016).

Formatação e Layout

Inicialmente, para acessar o aplicativo, o usuário teria, obrigatoriamente, que alimentá-lo com as seguintes informações: nome da instituição, município, estado, nome do orientador, coordenador ou professor, número de matrícula na instituição. O aplicativo teria um menu composto por turma, sexo, idade, tipo e natureza da violência identificada no ambiente escolar. Para facilitar a classificação, cada categoria contaria com pequenas explicações que ajudassem a identificar a opção a ser escolhida. O aplicativo deverá possibilitar a emissão de um relatório ao final do dia, do mês, do trimestre, do semestre e do ano. Esses dados poderiam ajudar a identificar frequência das ocorrências, assim como algumas características, tais como: turma, sexo, recorrências, etc. (ALVES SOUZA, 2013; OLIVEIRA, *et al* 2016; SILVA; SANTANA, 2016).

5.2. Proposta de treinamento pedagógico: Violência no ambiente escolar

Em relação à formação continuada para as equipes pedagógicas e os professores, idealizou-se um plano de curso conforme modelo abaixo:

PLANO DE CURSO		
Disciplina: Indisciplina e violência escolar: Uma proposta de enfrentamento.		
Departamento: Educação		Treinamento
Professor (a):		
Carga Horária:	Turma:	Ano:
Ementa: Diferenciar indisciplina de violência escolar. Identificar possíveis causas que fomentam a indisciplina e a violência escolar. Função do Livro de ocorrência ao longo da história. Análise, identificação, classificação e encaminhamento dos registros de violência escolar. Discutir possíveis relações entre a violência escolar, repetência, evasão e comportamentos antissociais. A formação docente frente aos problemas de violência no ambiente escolar. Estratégias de prevenção e contenção da violência no ambiente escolar.		
Objetivos: ➤ Compreender a diferença entre indisciplina e violência escolar. ➤ Discutir os conceitos de agressividade, violência e violência escolar. ➤ Refletir sobre o livro de ocorrência e seus registros ao longo da história. ➤ Identificar e classificar incidentes de violência escolar. ➤ Investigar as relações que a escola pública e seus agentes fazem sobre a violência no ambiente escolar e qual formação tem recebido para atuar nessa área. ➤ Identificar estratégias que possam melhorar a qualidade das relações interpessoais estabelecidas nas escolas e o processo ensino-aprendizagem. ➤ Discutir estratégias que promovam a manutenção do aluno no ambiente escolar, visando diminuir a repetência e a evasão. ➤ Analisar o modelo atual de enfrentamento a violência escolar, que exclui o discente do ambiente escolar, colocando-o em situação de maior vulnerabilidade. ➤ Contribuir com a formação do docente frente à temática violência escolar. ➤ Contribuir com estratégias de prevenção à violência no ambiente escolar.		
1 A VIOLÊNCIA E A INDISCIPLINA EM MEIO ESCOLAR 1.1 diferenciando a violência e a indisciplina 1.2. Violência escolar 1.3 discutindo as causas da violência no ambiente escolar 2 LIVRO DE OCORRÊNCIA 2.1 Livro de ocorrência ao longo da história 2.2 Identificação, classificação e registro das ocorrências no ambiente escolar. 3 A FORMAÇÃO DOCENTE FRENTE AOS PROBLEMAS DE VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR		

- 3.1 sociedade contemporânea e os desafios morais e éticos postos à Educação
- 3.2 Transbordamento de atribuições e tarefas impostas pelo Estado e pela sociedade

4 PEDAGOGIA DO CRIME

- 4.1 Objetivo, finalidade e função da pedagogia no ambiente escolar.
- 4.2 ECA, LDB, Aspectos Constitucionais e violência.
- 4.3 Contribuindo com a violência no ambiente escolar.
- 4.4 Ausência de proposta pedagógica e sua contribuição com a repetência e evasão.
- 4.5 Pedagogia do crime.

5 VIOLÊNCIA ESCOLAR: PERSPECTIVAS FUTURAS

- 5.1 Estratégias de prevenção à violência no ambiente escolar.

Estratégias Metodológicas:

- Estudos de textos, vídeos.
- Aulas expositivas dialogadas.
- Trabalhos realizados em grupos e individualmente.
- Discussões e debates sobre a temática estudada
- Estudo de caso e relatos

Bibliografia Básica

LIVROS DE OCORRÊNCIA

FONSECA, D. C.; Salles, L. M. F.; Silva, Mary, J.; Adam de P. e. **Contradições do processo de disciplinamento escolar: os “Livros de Ocorrências” em análise.** Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, vol. 1s, n. 1, p. 35-44, jan./ abr., 2014.

GOETHEL, E. S. Q.; Filho, J. de M. F.; Cardoso, P. C. **Cotidiano escolar e (des)respeito: o que dizem os livros de ocorrência escolar.** Educação, Santa Maria-RS, vol. 42, n. 2, p. 385-396, mai./ago.; 2017.

NASCIMENTO, Kelly Aparecida. SOUZA, Celeste Aparecida Dias, AZEVEDO, Inês Aparecida de Souza. **Registros em Livros de Ocorrências das Escolas Públicas de Cidades Localizadas a Leste de Minas Gerais: Uma Análise Documental.** UNEC. Caratinga 2006

RATUSNIAK, C. **O ‘livro-negro’ como prática de disciplinamento e de governo da infância.** IX ANPED Sul, seminário de pesquisa em 2012, educação da região Sul.

RODRIGUES, I. A.; Marques, L. C. **A indisciplina e os registros de atendimento escolar de alunos do ensino médio: uma revisão bibliográfica.** Veredas Favip, ano 11, Campina Grande- SP, vol. 8, n 2, p. 24-35, 2015

VARELLA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **Arqueologia de La Escuela.** Madrid: La Piqueta, 1991.

VÓVIO, C. L.; Ribeiro, V. M; Novaes, L. C; Bravo, M. H. **Livros de Ocorrência: Violência e Indisciplina em Escolas de Território Vulnerável**. Aape, São Paulo, vol. 24, n.126, dez. 2016.

INDISCIPLINA NA ESCOLA

AQUINO, J. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Sumus, 1996. p. 39 – 55.

AQUINO, J. G. **A indisciplina e a escola atual**. Revista Faculdade de Educação - USP. São Paulo, v. 24, n. 02, p. 1-21, jul/dez. 1998

AQUINO, J. G. **Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, vol. 46, n. 161, p.664-692 jul./set., 2016.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula**. Porto: Porto.1992.

GARCIA, J. A persistente indisciplina nas escolas: um estudo sobre suas razões. In: GARCIA, J. A.; TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **Indisciplina, conflitos e bullying na escola**. Campinas: Mercado de Letra, 2013. p. 61 – 90. vol. 2 (Coleção desconstruindo a violência na escola: os meus, os seus e os nossos bagunceiros).

GARCIA, J. **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola**. ETD: Educação Temática Digital, v.8, n.1, p. 124-132. 2006.

GUIRADO, M. **Poder indisciplina: os surpreendentes rumos na relação de poder**. In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Sumus, 1996.p. 57-71.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2011.

PASSOS, Arlei Ferreira. **Indisciplina – Falta de Limites, violência e Fracasso Escolar**. São Paulo: Centauro, 2011.

ZECHI, Juliana Aparecida Matias. **Z47e Educação em valores: solução para a violência e indisciplina na escola?** / Juliana Aparecida Matias Zechi. - Presidente Prudente[s.n.], 2014 279 f.: il. Tese (Doutorado em Educação) Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, em Presidente Prudente. 2011.

VIOLÊNCIA NA ESCOLA

BLAYA, C. **Elementos de reflexão a partir do comparativismo europeu**. In: DEBARBIEUX, E. (orgs.). Desafios e alternativas: violências nas escolas. Brasília: UNESCO, 2003. p. 37-56.

CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educação e Pesquisa, v.27, nº 1, p. 123-140, jan/jun. 2001.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n. 08, p. 432-443, jul/dez 2002.

DEBARBIEUX, E. **“Violências nas escolas” divergências sobre palavras e um desafio político.** In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002, p. 59-92.

PARRAT-DAYAN, S. Alunos, professor, escola e indisciplina: o contexto pós-moderno e as contribuições de Piaget. In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (orgs.) **É possível superar a violência na escola? Construindo caminhos pela formação moral.** São Paulo: Editora do Brasil, Faculdade de Educação/UNICAMP, 2012. p. 158-174.

SPOSITO, M. P. **Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução de violência em meio escolar.** Pro-Posições, Campinas, vol.13, nº 3 (39), p. 71-83, set/dez. 2002.

INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

ALVES. M. G. **Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, vol.46, n.161, p.594-613, jul./set., 2016.

GUIMARÃES, A. M. **Escola: espaço de violência e indisciplina.** Nas redes da educação, UNICAMP: Campinas, n. 01, set. 2006.

GUIMARÃES, A. M. **indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola.** In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Sumus, 1996. p. 73 – 82.

MARTINS, A. M.; Botler, A. M. H. **Conflitos, indisciplina e violência em escolas.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, vol. 46, n. 161, p.560-564, jul./ set., 2016.

ZECHI, Juliana Aparecida Matias. **Z47e Educação em valores: solução para a violência e indisciplina na escola?** / Juliana Aparecida Matias Zechi. - Presidente Prudente[s.n.], 2014 279 f.: il. Tese (Doutorado em Educação) Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, em Presidente Prudente. 2011.

VIOLÊNCIA

CERQUEIRA, Daniel. **Indicadores Multidimensionais de Educação e Homicídios nos Territórios Focalizados pelo Pacto Nacional pela Redução de Homicídios.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) 2014. Disponível em: <<http://agenda2020.com.br/2016/06/mais-jovens-nas-escolas-menos-homicidios>>. Acesso em: 02 maios 2018.

CHAUÍ, M. **Ética e violência.** Teoria & Debate, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, vl. 11, nº 39, out/dez 1998.

ECA 1990, LDB 1986, Constituição 1988.

MINAYO M.C.S. **Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva.** In: Sousa ER, organizadores. Curso impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro: EAD/ENSP; 2007.

PENHA, Alexandro dos Anjos. **Indisciplina escolar e a relação com a morbimortalidade por causas externas.** Anais do II Congresso Internacional de Segurança e Defesa. Livro 4 – Capítulo 37. UFBA. Bahia 2018.

ROLIM, Marcos. **A Formação de Jovens Violentos: para uma etiologia da disposicionalidade violenta.** Rio Grande do Sul, 2014. 246f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ROSA, Edinete Maria Lídio de Souza, AVELLAR Luziane Zacché (orgs.). **A produção da Psicologia Social no ES: memórias, interfaces e compromissos** - Vitória, ES: BRAPSO/ES: UFES, 2008. (Dissertação de Mestrado) UFP. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. Faculdade de Medicina Mestrado em Epidemiologia. Pelotas, 2012

TEIXEIRA, Evandro Camargos. **Dois ensaios acerca da relação em criminalidade e educação.** Piracicaba, 2011. 102 f. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas Aplicadas) Programa de pós-graduação em Economia. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, em Piracicaba.

TRASSI, Maria de Lourdes. **Adolescência-violência: desperdício de vidas.** São Paulo, Cortez, 2006.

Critérios de Avaliação:

- Frequência e participação
- Realização de tarefas: leitura, trabalhos individuais e em grupo.

Espera-se que com o monitoramento da violência em ambiente escolar e a formação continuada dos profissionais em educação no que tange a sistematização dos registros, haja somatória de esforços com as secretarias municipais, de modo que se possam construir propostas de enfrentamento à violência escolar. Acredita-se que tais encaminhamentos contribuirão para com a diminuição da violência, da repetência e da evasão nas instituições de ensino, criando um ambiente agradável e menos hostil para que se possa desenvolver um processo ensino-aprendizagem de qualidade. Processo esse que busque formar cidadãos que aprendam que o diálogo, a cordialidade e o respeito são necessários à boa convivência e são as melhores formas de resolver conflitos interpessoais, tanto na escola, quanto nos demais ambientes sociais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência no ambiente escolar é fruto de conflitos interpessoais protagonizados principalmente por discentes do sexo masculino. Por vezes, a agressão física se torna a única forma vista para resolução de conflito na instituição de ensino, em detrimento do diálogo, da cordialidade e do respeito. Em um contexto em que pouco se investe na prevenção, a advertência e a suspensão das aulas e do ambiente escolar parecem ser as únicas ferramentas de resolução dos conflitos. Existe, de certa forma, uma reprodução da violência social nos ambientes escolares, não com a mesma proporção letal e criminal, mas como microviolências, incivilidades, que podem provocar danos físicos ou psicológicos às vítimas (DEBARBIEUX, 2007).

Dentro deste contexto, os agressores ficam ausentes das aulas e dos ambientes escolares por sanções disciplinares, os agredidos não querem estar em sala e no ambiente escolar com medo de serem agredidos novamente, ou por estarem traumatizados e inseguros em estar no mesmo ambiente que os agressores, gerando perdas de conteúdo programático, dificuldade de aprendizagem, consequentemente desestímulo, repetência e evasão para ambos; o agressor por ser punido e o agredido por estar traumatizado e com medo deste ambiente hostil em que se encontra a instituição de ensino.

Vale lembrar, também, que agressores e agredidos de escola pública sofrem uma violência estrutural e institucional que, nem sempre, são considerados e até mesmo são negligenciados pela instituição de ensino e pelo Estado. Aliado a isso, tem-se a ausência de formação continuada para os professores. Neste caso, qual é o preparo que os profissionais da educação têm para lidar com a violência escolar?

O aumento de atribuições e tarefas impostas pelo Estado e pela sociedade à escola também é algo que precisa ser problematizado. Além disso, o profissional se vê em situações em que executa suas atividades de forma deficitária e improvisada, e até contrária ao seu papel de educador. Esse profissional lida com problemas como a falta de profissionais, de recursos, de estrutura e até de planejamento estratégico por parte dos municípios, estados e união. Acreditar que segurança pública se faz com aumento de presídios, prisões em flagrantes, aumento de efetivo e viaturas nas ruas já se mostrou ineficaz como estratégia de enfrentamento à violência. O problema de segurança pública não deve ser enfrentado somente pensando nas consequências; deve-se investir, também, no processo formativo do cidadão. No caso

da escola, desenvolvendo estratégias que diminuam a evasão escolar. A violência acontece onde existe falha na prevenção.

As instituições de ensino são mais uma vítima do Estado, que cria o palco para os atores protagonizarem uma violência exacerbada em todo território nacional, abandonando suas responsabilidades constitucionais, privando em especial crianças, adolescentes e jovens dos seus direitos e fazendo valer e cumprir os seus deveres enquanto cidadãos. Essa balança tem que ser equilibrada e os deveres devem vir acompanhados de seus respectivos direitos para que haja justiça e bem-estar social.

As instituições de ensino precisam investir em ações que fomentem a resolução dos conflitos interpessoais de modo não violento, buscando o diálogo, a cordialidade e a boa convivência. Essas são ações que devem ser desenvolvidas na família e reforçadas no ambiente escolar.

Como a violência é multicausal, faz-se necessário que a escola tenha acesso a uma equipe multidisciplinar. Neste sentido, a escola e a própria pedagogia não podem ser responsabilizadas, de modo unilateral, a enfrentarem essa problemática.

Por outro lado, qual seria a responsabilidade da escola? Durante muitos anos utilizou-se o livro de ocorrência somente para registrar, informar, descrever, suspender o aluno das atividades escolares e do ambiente escolar. Tais práticas, em geral, não vêm acompanhadas de propostas de enfrentamento.

A escola configura-se como a primeira convivência social sem a chancela dos pais ou responsáveis. Os professores são os primeiros a acompanhar as dificuldades, derrotas, vitórias, frustrações, medos, angústias de se conviver com o outro, e muitos outros atores sociais, com as mais diversas formas de pensar e agir. Neste sentido, sua contribuição pode ser muito significativa.

Neste estudo, identificaram-se muitas ocorrências ligadas à indisciplina, desrespeito aos professores e funcionários da instituição, vandalismo ao patrimônio público – portas, mesas, cadeiras, depredação da estrutura física, pichações, que não foram incluídas na pesquisa, mas que indicam práticas de violência à escola, e não só na escola.

Já a forma como a instituição, por vezes, direciona as ocorrências demonstra uma violência da escola através de seus agentes, tais como: divisão das turmas, forma de avaliação, composição das notas, procedimentos disciplinares punitivos, de dominação, palavras pejorativas e preconceituosas promovendo uma

violência simbólica e gerando como forma de protesto dos alunos a violência no ambiente escolar (CHARLOT 2002).

Acreditamos que haverá êxito no combate à violência no ambiente escolar se forem desenvolvidas estratégias que permitam identificar e melhor encaminhar as ocorrências, distribuindo as responsabilidades, mantendo o aluno no ambiente educacional, e treinando o profissional de educação para lidar com tal fenômeno.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ALVES, M. G. Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n.161, p. 594-613, jul./set. 2016.

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Sumus, 1996. p. 39-55.

_____. A indisciplina e a escola atual. **Revista Faculdade de Educação - USP**, São Paulo, v. 24, n. 02, p. 1-21, jul./dez. 1998.

_____. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p.664-692, jul./set. 2016.

ARAÚJO, R. M. J. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, ano 4, v. 8, jul./dez. de 2010.

AZEVEDO, A. J. A. A Cidade "Children Friendly": Avaliação da qualidade de vida e ligação emocional à cidade segundo a perspectiva das crianças (9-12 anos). **Paper final**, Pluris, 2010.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLAYA, C. Elementos de reflexão a partir do comparativismo europeu. In: DEBARBIEUX, E. (Org.). **Desafios e alternativas**: violências nas escolas. Brasília: UNESCO, 2003. p. 37-56.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei 8069 de 13/07/90. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 21 fev. 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases**, Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Justiça. DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO (DEPEN), LEVANTAMENTO NACIONAL DE INFORMAÇÕES PENITENCIÁRIAS, INFOPEN. **Levantamento Nacional De Informações Penitenciárias**. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. **Consolidação da base de dados de 2011**. Coordenação Geral de Informações e Análise Epidemiológica – CGIAE. Brasília-DF, 2011.

_____. **Grau de escolaridade influencia em agressões físicas e acidentes de trânsito**. Blog da Saúde. Brasília-DF, 2011.

_____. Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011. **Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS)**. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2488_21_10_2011.html. Acesso em: 16 jul. 2018

_____. Portaria MS/GM nº 737, de 16 de maio de 2001. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 96,18 maio 2001. Seção 1.

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan./jun. 2001.

CERQUEIRA D.; COELHO D. S. C. **Redução da Idade de Imputabilidade Penal, Educação e Criminalidade**. Rio de Janeiro: IPEA, 2015.

CERQUEIRA D. Trajetórias Individuais, Criminalidade e o Papel da Educação. **Boletim de Análise Político-Institucional**, n. 9., jan./jun. 2016.

CERQUEIRA, D. Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos (SEAE). Secretaria Geral da Presidência. Custos Econômicos da Criminalidade no Brasil. **Relatório de Conjuntura 04**, Brasília-DF, 2018.

CERQUEIRA, D. **Indicadores Multidimensionais de Educação e Homicídios nos Territórios Focalizados pelo Pacto Nacional pela Redução de Homicídios**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2014. Disponível em:

<http://agenda2020.com.br/2016/06/mais-jovens-nas-escolas-menos-homicídios>. Acesso em: 2 maio 2018.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 08, p. 432-443, jul./dez. 2002.

CHAUÍ, M. Ética e violência. **Teoria & Debate**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, v. 11, n. 39, out./dez. 1998.

COELHO, L. J.; Campos, L. M. L. **Diversidade sexual, preconceito e aulas de Ciências: reflexões iniciais**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2019, Águas de Lindóia, SP.

CORREIA, A. S. Autoridade e formação do indivíduo na escola: uma reflexão sobre a indisciplina escolar à luz da teoria crítica. **Revista Iluminart**, v. 1, n. 1, p. 35-43, mar. 2009.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. **Violência**: um problema global de saúde pública - Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. Genebra: OMS, 2002.

DEBARBIEUX, E. Violências nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 59-92.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula**. Porto: Porto, 1992.

FERREIRA, F. A. **Fracasso e evasão escolar**, 2013. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/orientacao-escolar/fracasso-evasaoescolar.htm>. Acesso em: 6 maio 2018.

FILHO, R. B. S.; ARAÚJO, R. M. L. **Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil**: fatores, causas e possíveis consequências. Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, D. C; SALLES, L. M. F.; SILVA, J. M. A. P. Contradições do processo de disciplinamento escolar: os “Livros de Ocorrências” em análise. **Revista**

Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 35-44, jan./ abr. 2014.

_____. **Livro de ocorrências em análise**. Rio Claro: Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, 2014.

FURLONG, M.; MORRISON, H. The school in school violence: Definitions and facts. **Journal of Emotional and Behavioral Disorders**, v. 8, n. 2, p. 71-82, 2000.

GARCIA, J. A persistente indisciplina nas escolas: um estudo sobre suas razões. In: GARCIA, J.; TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (Orgs.). **Indisciplina, conflitos e bullying na escola**. v. 2. Campinas: Mercado de Letra, 2013. p. 61 – 90.

GARCIA, J. **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola**. ETD: Educação Temática Digital, v.8, n.1, p. 124-132. 2006.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: questões sobre mudança de paradigma. **Contrapontos**, Itajaí, v. 8, n.3, p. 367-380, set./dez. 2008.

GOETHEL, E. S. Q.; FILHO, J. M. F.; CARDOSO, P. C. Cotidiano escolar e (des)respeito: o que dizem os livros de ocorrência escolar. **Educação**, Santa Maria-RS, v. 42, n. 2, p. 385-396, mai./ago. 2017.

GUIMARÃES, A. M. Escola: espaço de violência e indisciplina. **Nas redes da educação**, Campinas, n. 1, set. 2006.

_____. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Sumus, 1996. p. 73 – 82.

GUIMARÃES, A. M.; SOUZA, A. C.; SILVA, I. T. O significado da indisciplina no cotidiano da escola. **Nuances**, São Paulo, v. 6, p.116-122, out. 2000.

GUIRADO, M. Poder indisciplina: os surpreendentes rumas na relação de poder. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Sumus, 1996. p. 57-71.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Atlas da Violência**. Rio de Janeiro: IPEA, 2017.

JESUS R. E. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, 2018.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, A. M.; BOTLER, A. M. H. Conflitos, indisciplina e violência em escolas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 560-564, jul./ set. 2016.

MATOS, D. A. S.; FERRÃO, M. Repetência e indisciplina: evidências de Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 614-636, jul./ set. 2016.

MINAYO, M. C. S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: SOUSA, E. R. (Org.). **Curso impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013.

MONTEIRO, V. B.; ARRUDA E. F. O impacto da violência urbana nos indicadores de evasão escolar na Região Metropolitana de Fortaleza. In: CIRCUITO DE DEBATES ACADEMICOS. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos**. Fortaleza. IPEA, Code 2011.

MOREIRA, M. F. S.; SANTOS, L. P. Indisciplina na escola: uma questão de gênero?. **Educação em revista**, São Paulo, n. 3, p.141-160, 2002.

NASCENTE, R. M. M.; LUIZ, M. C.; FONSECA, D. C. Conflitos e livros de ocorrência no cotidiano da escola pública: alguns caminhos de investigação. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2015.

NASCIMENTO, L. A.; SOUZA, C. A. D.; AZEVEDO, I. A. S. **Registros em Livros de Ocorrências das Escolas Públicas de Cidades Localizadas a Leste de Minas Gerais**: Uma Análise Documental. Caratinga: UNEC, 2006.

NÓVOA, A. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: Sinpro, 2007. Disponível em:

http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em: 06 abr. 2019.

OLIVEIRA, R. C.; SILVA D.; FERNANDES, F. G.; OLIVEIRA, L. C.; OLIVEIRA, E. C. Aplicativo de Aprendizagem Móvel utilizando Realidade Aumentada para Ensino de Língua Inglesa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 5., 2016, Uberlândia, MG. **Anais...** Uberlândia, MG: UFU, 2016.

PASSOS, A. F. **Indisciplina** – Falta de Limites, violência e Fracasso Escolar. São Paulo: Centauro, 2011.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Alunos, professor, escola e indisciplina: o contexto pós-moderno e as contribuições de Piaget. In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (Orgs.). **É possível superar a violência na escola?** Construindo caminhos pela formação moral. São Paulo: Editora do Brasil, Faculdade de Educação/UNICAMP, 2012. p. 158-174.

PENHA, Alexandro dos Anjos. **Indisciplina escolar e a relação com a morbimortalidade por causas externas**. Anais do II Congresso Internacional de Segurança e Defesa. Livro 4 – Capítulo 37. UFBA. Bahia 2018.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Educação nos países da América do Sul segundo IDH**. 2013. Disponível em: <https://www.livrosepessoas.com/2013/03/15/brasil-tem-a-menor-media-de-anos-de-estudos-da-america-do-sul-diz-pnud/>. Acesso em: 13 ago. 2018.

QUEIROZ, L. D. **Um estudo sobre a evasão escolar**: para se pensar na inclusão escolar. 2002. Disponível em: <http://www.seduc.go.gov.br/imprensa/documentos/Arquivos/15%20-20Manual%20de%20Gest%C3%A3o%20Pedag%C3%B3gico%20e%20Administrativo/2.10%20Combate%20%C3%A0%20evas%C3%A3o/UM%20ESTUDO%20SOBRE%20A%20EVAS%C3%83O%20ESCOLAR%20-%20PARA%20PENSAR%20NA%20EVAS%C3%83O%20ESCOLAR.pdf>. Acesso em: 06 maio 2019.

RAMPAZZO, S. R. R.; STEINLE, M. C. B.; VAGULA, E. **Organização e didática nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

RATTO, A. L. S. Disciplina, vigilância e pedagogia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 481-510, maio/ago. 2007.

RATTO, A. L. S. Cenários criminosos e pecaminosos nos livros de ocorrência de uma escola pública. **Revista Brasileira de Educação**, Paraná, n. 20, p. 95-155, maio/ago. 2002.

RATUSNIAK, C. **O 'livro-negro' como prática de disciplinamento e de governo da infância.** In: ANPED SUL - SEMINÁRIO DE PESQUISA, 9., 2012.

RODRIGUES, I. A.; MARQUES, L. C. A indisciplina e os registros de atendimento escolar de alunos do Ensino Médio: uma revisão bibliográfica. **Veredas Favip**, ano 11, Campina Grande-SP, v. 8, n 2, p. 24-35, 2015.

ROLIM, M. **A Formação de Jovens Violentos: para uma etiologia da disposicionalidade violenta.** Rio Grande do Sul, 2014. 246f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ROSA, E. M. L. S.; AVELLAR L. Z. **A produção da Psicologia Social no ES: memórias, interfaces e compromissos.** Vitória, ES: BRAPSO/ES, UFES, 2008.

ROYER, E. A. Condutas agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores. In: DEBARBIEUX, E. (Orgs). **Desafios e alternativas: violências nas escolas.** Brasília: UNESCO, 2003. p. 57-78.

SILVA, G. J. Bullying: quando a escola não é um paraíso. **Jornal Mundo Jovem**, ed. 364, p. 2- 3, mar. 2006. Disponível em: <http://www.mundojovem.pucrs.br/bullying.php>. Acesso em: 16 set. 2018.

SILVA, J. F. M.; SANTANA, L. V. **MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL: Sou jovem, sou suspeito – Violência e polícia, segundo a juventude.** Bauru: UNESP; DCSO; FAAC, 2014.

SOUZA, R. C.; ALVES LEVY, A. C.; HADDAD, A. E. M.; SKELTON, M. C.; CAROLINE, A. L. Processo de criação de um aplicativo móvel na área de odontologia para pacientes com necessidades especiais. **Revista da ABENO**, v. 13, n. 2, p. 58-61, 2013.

SPOSITO, M. P. Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução de violência em meio escolar. **Pro-Posições**, Campinas, v.13, n. 3, p. 71-83, set./dez. 2002.

TEIXEIRA, E. C. **Dois ensaios acerca da relação em criminalidade e educação**. Piracicaba, 2011. 102 f. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas Aplicadas)-Programa de pós-graduação em Economia; Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 2011.

TRASSI, M. L. **Adolescência-violência: desperdício de vidas**. São Paulo: Cortez, 2006.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da Educação Básica na idade certa** - Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes. Brasília: UNICEF, 2012.

VARELLA, J.; ALVAREZ-URIA, F. **Arqueologia de La Escuela**. Madrid: La Piqueta, 1991.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VÓVIO, C. L.; RIBEIRO, V. M; NOVAES, L. C; BRAVO, M. H. Livros de Ocorrência: Violência e Indisciplina em Escolas de Território Vulnerável. **Aape**, São Paulo, v. 24, n.126, dez. 2016.

ZECHI, J. A. M. **Z47e Educação em valores: solução para a violência e indisciplina na escola?**. 2014. 279 f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de pós-graduação em Educação; Universidade Estadual Paulista; Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2014.

8. APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE
VILA VELHA
ESPÍRITO SANTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA MESTRADO PROFISSIONAL

Vila Velha, 25 de Março de 2019.

À direção da Escola João Carletti

Venho através deste, solicitar autorização para realização da coleta de dados referente à pesquisa de dissertação de mestrado, intitulada “Análise dos registros de violência escolar dos alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública do município de Mucuri – Ba”, do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública da Universidade Vila Velha, sob a orientação da Prof. Drª Simone Chabudee Pylro. O estudo tem como objetivo, analisar os registros de violência escolar dos alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública do município de Mucuri - BA. Trata-se de uma coleta de dados através dos registros e relatórios de indisciplina e violência escolar. Após a conclusão do estudo, os resultados serão disponibilizados para a instituição participante, e deverão ser divulgados por meio de congressos e publicações de artigos em periódicos especializados. Temos a expectativa de que o presente estudo colabore para uma melhor compreensão deste fenômeno e contribua com programas voltados para a prevenção da violência escolar.

Coloco-me à disposição para esclarecimentos e desde já agradecemos pela colaboração no estudo.

Alexandro dos Anjos da Penha

Humberto Ribeiro Junior
Coordenador do Curso de Mestrado em Segurança Pública

APÊNDICE B

TABELA MODELO PARA IDENTIFICAR E CLASSIFICAR A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

CLASSIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS SEGUNDO MINAYO (2013)																		
Ocorrência	Ano	Série	Sexo	Violência Minayo														Encaminhamento
				Tipos										Natureza				
				Criminal	Estrutural	Institucional	Interpessoal	Familiar	Cultural	Auto - Aflição	Gênero	Racial	Deficientes	Física	Psicológica	Negligência	Sexual	